

A OPINIÃO

PERIODICO LITTERARIO E NOTICIOSO

PAZ, JUSTIÇA E LIBERDADE.

Publica-se ás quintas-feiras e domingos

Por anno 13\$000
 " Semestre 8\$000
 " Trimestre 5\$000

Por anno 15\$000
 " Semestre 9\$000
 " Trimestre 6\$000

Anno I

Corumbá - 20 de Outubro de 1878

N. 76

A Opinião

DOMINGO 20 DE Outubro DE 1878.

A educação da mulher.

O mais poderoso incentivo da cavallaria foi o amor da mulher. O cavalleiro tributava á dama de seus affectos um culto sublime e casto, uma doce e enebriante idolatria que o levava em busca das mais temerarias aventuras e dava-se por bem pago de suas fadigas quando ao vir depor lhe aos pés os trophêos de suas victorias, recebia um sorriso, uma phrase de amor e animação dos nacarados labios de sua bella castelã. A esse periodo de amor e abnegação, succedeu o dos cavalleiros andantes, que Cervantes perfeitamente nos desenha no seu immortal D. Quixote de la Mancha. Apeada a cavallaria, a mulher desceu desse pedestal em que se achava e veio occupar o lugar em que hoje a vemos. Analyseemos porém mais detidamente a mulher do seculo XIX. A revolução franceza, foi a revolução do mundo.

O grito partido do coração da França, foi ouvido em toda a parte. Tudo se ressentio dos effectos dessa hecatombe augusta, que teve por movel a mais santa aspiração da humanidade—a liberdade.—O seculo que expirava legando ao que nascia o germen do desenvolvimento em todos os ramos da actividade humana, fez surgir dentre os destroços dos preconceitos e privilegios, a igualdade de todos perante a lei. A esse impulso, as sciencias, artes e industrias entravam em nova phase e tudo caminhou. Duas cousas porém ficarão estacionarias: a egreja com seus dogmas e a mulher em sua ignorancia. Os paizes mais adiantados da Europa e America vão agora lentamente esquecendo os antigos prejuizos e olhão para a educação dessa maior parte do genero humano com um pouco mais de attenção: os escriptorios, balcões e officinas regorgitam de operarios femininos que adquirem por essa forma, um meio honesto de subsistencia.

Entre nós porém na rotina em que

seguimos qualquer filha—familia seria considerada como uma mulher sem pundodôr se *ousasse* ser guarda-livros de uma casa commercial, como vulgarmente succede em França e o mesmo lhe aconteceria se fosse empregada de uma repartição como telegraphista ou em muitas outras cousas em que essas nações aproveitam com vantagem os seus serviços. Nós que tudo copiamos do estrangeiro e sobre tudo da França, só lhe aproveitamos o ridiculo como as modas, os romances e & deixamos de parte o que nos pôde ser de grande utilidade. De que será proveniente esse nosso atrazo? A resposta não é difficil, nem depende de profundo raciocinio para ser comprehendida. E' a educação fradesca de nossos antepassados que pesa sobre nós como uma mão de ferro e nos tolhe o passo para os grandes commettimentos. E' o vicio inveterado de entregar-se a educação da infancia ás mãos do clero ou de estupidos mercenarios que não comprehendem a sagrada missão do magisterio.

BRUTOS.

Gazetilha

Consta que foi nomeada professora de instrucção primaria d'esta villa, D. Anna Luiza Duarte.

Não teve provimento o recurso ex-officio interposto do despacho pelo qual foi pronunciado Raymundo Nonato, incurso nas penas do art. 237, 2ª parte do Cod. Crim.

Foi demittido o Amanuense externo da policia, Sr. Manoel Teixeira da Fonseca desse cargo e do de escriptão da delegacia, a seu pedido; sendo nomeado para aquelle lugar o capitão Elizeu Teixeira de Mello, como noticiamos.

Foi nomeado escriptão da delegacia o cidadão Generoso Antonio de Moraes Cambara'.

Forão postos em Custodia, de 1º a 15 os individuos seguintes:

Ricardo José dos Santos, brasileiro, por desordem; preso a 3 e solto a 4; Carlos Carmon, italiano, por suspeito;

preso a 4, solto a 5; Theodoro Alves, brasileiro, por desordem; preso a 4, solto a 4; José Roque, brasileiro, por suspeito; preso a 4, solto a 5; Bernardino Francisco Monteiro, brasileiro, preventivamente por crime de roubo; preso a 6; Emmerenciana da Costa, brasileira, por desordem; presa a 6, solto no mesmo dia; Merencia Joaquina, brasileira, por desordem; presa a 6, solto no mesmo dia; Anacleto Amado, brasileiro, por desordem; preso a 6, solto a 7; Manoel José Rodrigues, por embriaguez; preso a 6, solto a 7; Balbina Augusta, paraguaya, por desordem; presa a 7, solto a 8; Martinha Victoria, paraguaya, por desordem; presa a 7, solto a 8; Francisco Jordano, italiano, por desordem; preso a 8, solto no mesmo dia; Rufina Murinima, paraguaya, por offensas á moral, presa a 8, solto no mesmo dia; Luiz Padini, austriaco, por cumplicidade de roubo; preso a 10; Vicente, austriaco, por offensas á moral, preso a 10, solto a 11; Manoel Cajueiro, brasileiro, por desordem; preso a 11, solto a 12; Antonio Coy Elippe, hespanhol, por desordem e injurias á autoridade, em flagrante, preso a 13; Felipe Almigon, italiano, por embriaguez; preso a 13, solto a 14 e Vicente Bueno italiano, por embriaguez; preso a 13, solto a 14.

Pedimos ao Illm. Sr. Commandante da Fronteira o obsequio de mandar q' as musicas toquem nas praças publicas, e não na de Santa Thereza, onde ha apenas seis casas. Não é justo que se prive a população de um ou dous dias de re-treta, indo as musicas para longe esperdigarem o tempo.

Chamamos a attenção do mesmo Illm. Sr. Commandante para o estado de abandono em que esta' uma peça de artilharia no lugar que foi o acampamento do batalhão 19º de infantaria, onde esta' assentado o primeiro forte. S. S. de certo não sabe que ali esta' um proprio nacional a's intemperies

E' da Regeneração.

No dia 6 de Agosto, foi recebido em audiencia publica, pelo governo Oriental, o Sr. visconde de S. Januario, ministro plenipotenciario le enviado extraordinario de S. M. o rei de Portugal junto ás Republicas do Prata.

Este diplomata, em sua passagem pelo Rio de Janeiro onde se demorou

alguns dias, fundou uma sociedade filial á sociedade *Geographica de Lisboa*, e a qualificarão pertencendo todos os homens especialistas da capital do Imperio.

Em Montevideo, no convento das freiras Salessas, tomarão habito e professarão, no dia 5 de Agosto, quatro jovens pertencentes a familias distinctas do lugar.

Os nossos parabens ao collega do *Apostolo*.

O Congresso do Paraguay, declarou livre de direitos, a importação de milho e toda a qualidade de feijão durante o corrente anno.

Tambem foi declarada livre de direitos a introdução de pranchas de cobre e garrações vazioas, a contar do 1.º de Setembro.

Uma carta dos Estados-Unidos noticia que o tratado de limites entre as republicas Argentina e Paraguay, submettido, como os leitores sabem, á arbitragem do presidente Mr. Hayes, está proximo a receber a decisão final. Em parte tambem tal decisão interessa ao Brasil.

POST SCRIPTUM

No dia 21 do corrente meza's 11 horas da manhã, nos paços da camara municipal teve lugar a praça do immovel sito no Ladrario, pertencente a Miguel Langorio por execução que lhe movem Francisco Pecora e outros pelo cartorio do escrivão Neves. Acha-se novamente avaliado por tres contos e quinhentos mil reis.

Litteratura

LICILIA.

Vês o dia que fenece,
O horizonte que escurece
Pelo fumo,
Que sem ruído,
Se desliza e corre ao vento?
O trovão que lá' esbraveja
E a flama que chammaça,
Que reluz no firmamento?

Vês o raio que scintilla
E o vento que sibila
Derribando,
Destroçando,
Estas flores tão mimosas?
Vês aquelle passarinho
Que, feliz, canta em seu ninho
Cançonetas tão formosas?

Vês a tarde que se expira
E o aroma que respira?
Os odores
D'estas flores
Pelo vento desfolhadas?
Vês as nuvens que se escoão
Se deslizam, se amontoão,
No horizonte, encapelladas?

Das tardes isso e mais ainda.

Pelo olhar, Licilia linda,
Eu vos juro,
E não perjuro,
Que o teu só meu coração;
Pôr teu rosto, por teu riso,
Pelo céu e o paraizo
Só tu és minha paixão.

Z.

Traduções

Como o despotismo pode dar á sociedade repouso, mas não a salvação.

(Continuação do n. 74.)

Nos Estados-Unidos o clero não tem nenhum privilegio, nenhuma receita, e é respeitado.

Sob o antigo regimen e sobre tudona Restauração, a igreja era uma potencia: a religião estava constantemente sujeita aos ataques incessantes dos amigos da liberdade.

E' inutil pedir ao clero que abafe as idéas igualitarias, porque elle não poderia fazelo.

Foi com a Biblia na mão que os camponezes reclamaram no seculo XVI a igualdade dos bens. Os conventos dão o exemplo do communismo. Enfin, entre o sacerdote, que promete ao artista a felicidade no outro mundo, e o demagogo que lh'a garante neste, a escolha não pôde ser duvidosa. Não é a theocracia que salvará a sociedade actual. Tambem não será o despotismo.

O despotismo não nos pôde dar o repouso porque não é um governo estavel. Ainda que se proclame hereditario, elle é quasi sempre passageiro.

No imperio romano, a transmissão hereditaria do poder é uma excepção. Definio-se o regimen em vigor na Russia o absolutismo temperado pelo regicídio. O ultimo imperio, em França, proclamava ao mesmo tempo a hereditariedade da coroa e a responsabilidade do soberano. Mas estes dous principios se excluem.

Se aquelle que exerce o poder executivo governa por si e se torna por esta forma responsavel pelos actos do governo, é preciso que seja submettido á eleição como um presidente de república, ou que possa ser despedido por uma manifestação legal da representação do paiz como um ministro constitucional, senão ter-se-ha revoluções periodicas. Se um soberano commetter erros graves, e soffrer reveses, pôde-se-lhe tomar contas porque elle foi o autor d'elles, ou será apeado do throno por todo o paiz escandalizado, ou então seu filho herdará toda a sua impopularidade com coroa, e a dynastia não poderá crear raizes.

O despotismo não offerece em nossos dias garantia alguma de estabilidade, nem mesmo nos estados asiaticos onde as revoluções de palacio interrompem constantemente a transmissão do poder. Quando o soberano é senhor absoluto da vida de seus vassallos, perde toda a segurança para a sua. La Bruyere o disse e Montesquieu repetio, « não é preciso arte ou sciencia para exercer a

tyrannia. » Isto é verdade, quando muito, nos paizes povoados de multidões inertes, feitas para a escravidão.

(Continúa.)

Mysterios do Egypto

(Continuação do n. 74.)

Mas então sua liberdade estava perdida; era conduzido por outro caminho aos templos subterraneos, de onde nunca mais o deixavam sahir, com medo de que elle divulgasse a natureza das provas. Comtudo, para lhe não tornarem a prisão muito austera, os sacerdotes o faziam official de segunda ordem, e até o casavam, se elle queria, com umas filhas dos officiaes de sua classe. Desde que o aspirante chegou a' abobada, enfiada, devia com tanta rapidez como destreza, passar a travez da fornhalha ardente, marchar entre os losangas da grade de ferro em brasa, e sem perder tempo, despir-se e atravessar o canal. Devia ainda ter o cuidado de conservar a sua lampada accesa; porque ainda que o fogo dösse bastante claridade era-lhe facil julgar que depois de o ter atravessado, precisava de luz para caminhar.

Chegado ao outro extremo do canal, o primeiro cuidado do candidato era vestir-se. Achava-se então perto de uma grande arcada, a qual era obrigado a subir por meio de muitos degraos praticados expressamente, e que o conduziam a uma ponte levadiça de que os goncos estavam no ultimo degrão e os contrapesos na parede que tinha por traz de si, de modo que a ponte parecia ter-se abaixado para lhe dar passagem.

Era a terceira prova, promettida ao aspirante, ao ar. Os primeiros objectos que lhe despertavam a attenção eram duas paredes de bronze, uma a' direita, outra a' esquerda; na espessura destas paredes, estavam apoiados os eixos de duas grandes rodas tambem de bronze, que não deixavam entre si, no extremo da ponte, mais que pé e meio de passagem; suas metades superiores, das quaes pouco se via, tinham uma grossa corrente que parecia sustentar algumas machinas muito pesadas, mas que estavam em baixo e do outro lado da parede, de modo que não se podiam ver. A um pé de distancia destas rodas, havia uma porta de seis pés de altura, guarnecida do mais bello marfim tendo no centro dous filetes de ouro que indicavam que se abria para dentro. Todos os esforços que o aspirante fizesse para abri-la eram inúteis, e esta resistencia lhe fazia em breve reflectir que devia procurar outro meio para sahir desse lugar. Depois de um exame mais ou menos longo, descobria na verga da porta dous grossos aneis de aço polido, que brilhavam a' luz da lampada e pareciam convidalo a tocar-lhes. Apenas o aspirante as puchava, o detento das rodas se levantava e por um mecanismo simples e apropriado, estas rodas adquiriam um movimento rapido que fazia abaixar o contrapeso da ponte levadiça, abalava extraordinariamente o solo em

que se achava o candidato, e obrigava-o a firmar-se nos anéis, com medo de ser arrojado ao precipício que se abria atrás de si.

Immediatamente era arrebatado com violencia pela propria verga da porta que se elevava a mais de vinte pés descobrindo um espaço tenebroso, d'onde sabia um vento terrivel que lhe apagava a lampada e o açoitava por tal forma que lhe era difficil o sustentar-se. Tinha então abaixo dos pés uma profundidade de mais de quarenta pés, que correspondia a outras abobadas, onde se moviam todas aquellas machinas de ferro e bronce, de que o barulho extraordinario fazia crer que muitas tempestades esmagavam o edificio.

(Continúa.)

Secção Livre

AO PÚBLICO.

(Conclusão.)

O que era meu era de meu cunhado, o que era de minha mulher era de sua cunhada, e vice-versa.

Sobre a misa de que professei sempre a meu cunhado e que a desgraça ainda mais indissolúvel tornou, nada direi, — porque ella está perfeitamente no dominio publico. Quanto á que ligava nossas duas esposas, com pleno conhecimento do que affirmo, declaro que não podia ser maior, nem mais cordial e verdadeira. Tratavão-se por irmãs — e o erão na realidade. Levavão mesmo as demonstrações do affecto intimo que as unia até ás minuciosidades.

E assim foi sempre até o dia em que á mulher de meu cunhado, á instancias de seus pais que, por não poderem vir aqui á cidade, desejavão que fosse ella ter o seu parto no Reducto, sitio dos mesmos, — partio para o Rio-abaiço, depois sómente de ter feito todo o possível para levar consigo sua cunhada, que também desejava ardentemente com ella ir, desejo este — á cuja realisação me oppuz — por não querer também separar-me de minha mulher e não poder sahir n'aquella occasião d'esta cidade.

Dito isto pergunto eu aos que não são malvados:

Será possível, moral e materialmente possível, que sob aquelle tecto, dentro d'aquella casa, no seio d'essas duas familias que se extremecião, se passassem as scenas tredas e infames que a calúnia propalou?

Ainda mais. Admittida que seja a possibilidade da absurda infamia, será também possível que uma mulher que ve (digo que *ve* porque era materialmente impossível não ver) seu marido despresar-la por uma outra, com quem pratica as mais degradantes acções, apezar de ser esta outra sua propria irmã, será possível, repito, que esta mulher veja tanta infamia e continue

a sentir e á demonstrar pela irmã de seu marido — sua rival — todo o affecto, todo o carinho, todo o amor que a mulher de meu cunhado sempre demonstrou pela minha?

E será também possível que o marido que *ve* sua mulher, que idolatra, prostituir-se nos braços do irmão, continue a idolatrar esta mulher e a demonstrar pelo irmão da mesma uma amisade a toda a prova, um *amor de irmão*?

Se tudo isto é possível, então é exacto.

Não creio o publico tão ingenuo que acredite que uma mulher casada que vivia com seu marido na mais particular intimidade havia seis annos, que com elle dormia no mesmo quarto e na mesma cama, que já mais d'elle escondeu seu corpo ou sua alma, porque sabia que o olhar do marido é sagrado e tem o direito de tudo ver no corpo ou na alma da mulher a que Deus o ligou para sempre: — que estando doente do utero se deixou por mais de uma vez examinar por seu marido, afim de poder este melhor explicar ao medico o seu soffrimento; que uma mulher que até 15 dias antes de sua morte viveu constantemente sob o olhar do marido, podesse occultar-lhe uma gravidez que, — á ser exacta a calúnia, teria alcançado o periodo de 8 ou 9 mezes.

A' admittir isto seria também preciso admittir que ou este marido nada via e de nada sabia, e era por conseguinte um abysmo de estupidez e idiotismo, ou tudo via e de tudo sabia e em tudo consentia, e era por conseguinte um abysmo de abjecção e infamia.

Ora, como não posso por modo algum suppôr que o publico me julgue arremessado á um qualquer d'esses dous abysmos — ipso facto — sou forçado a crêr que repello elle já com indignação a calúnia por *tam absurda quanto infame*.

Continuando porém.

Foi o meu cunhado accusado de ter-se aproveitado de minha estada em S. Antonio, para onde havia eu partido á serviço em data de 20 de Julho passado, para mais á seu salvo realizar o aborto, havia um mez (!) por elle premeditado.

E' a continuação do consorcio entre a infamia e o absurdo.

E se não vejamos.

Estão já definitivamente especificadas as razões em que me fundo para affirmar, como affirmo, e outros comigo, que, minha mulher não estava gravida.

Ora é claro, que não estando ella gravida, não podia ter parto ou aborto. Seja porém admittido a supposta gravidez.

Parti é certo a 20 de Julho para S. Antonio, mas o que não sabem talvez

os calumniadores, é que antes de partir havia ficado combinado entre mim, minha mulher e meu cunhado que eu viria passar em familia o dia 7 de Agosto, meu anniversario natalicio. — No dia 3 d'este mez escrevi de S. Antonio pedindo-lhe que me mandasse um animal para a combinada viagem, que eu desejava realizar antes mesmo do dia aprasado (6) por saber — por carta de minha mulher — que ella se achava peor dos seus encommodos uterinos.

Exposto isto pergunto eu:

Se meu cunhado tinha já de ha tempos a intenção de provocar o aborto em minha mulher (dado o caso de estar esta gravida) para o que já se havia até prevenido de medicamentos apropriados comprados — não na espelunca de algum feiticheiro — mas na pharmacia do Sr. Oliveira, — porque motivo escolheu elle expressamente o dia em que devia eu chegar á esta cidade, perdendo todo esse precioso tempo que mediou entre a minha partida e a minha chegada, desde o dia 20 de Julho a 5 de Agosto, para operar somente n'este ultimo dia, maxime tendo elle já consigo os necessarios medicamentos desde muito antes de minha partida para S. Antonio?

Eis o que eu desejára que os logicos calumniadores me explicassem.

Ainda mais:

Quem quer engeitar uma criança, fructo de um crime, procura as trevas da noite e não sahe com essa criança em pleno dia e dentro — cousa prodigiosa! — de um embrulho, do tal embrulho de que quizerão fazer carga á meu cunhado, e que foi visto por tantas pessoas entre as quaes — por sua avó — que, não contente de perguntar-lhe o que levava no mesmo, pegou-o, examinou-o, e verificou que erão na realidade pannos — como lhe havia dito meu cunhado.

E eis como se formão as calumnias!

Como já disse, havia mais de dous annos que eramos sabedores do que se fallara, com respeito ás relações existentes entre meu cunhado e minha mulher, calúnia que de modo algum conseguiu annuear a sincera harmonia e fraternal confiança que um ao outro nos prendia, o que de sobra demonstra o facto de não hesitarem um só instante, ao ter de partir destacado para a villa do Rosario, em deixar minha mulher e filha em companhia de meu cunhado e sua mulher, procedimento este de que, posso affirmar-o, nem então me arrependi nem hoje me arrependo. E' que a confiança, não cega, mas esclarecida, que tanto em minha mulher como em meu cunhado depositava, não era tão sómente o fructo do pleno conhecimento que de longa data tinha do character recto de

ambos, mas também o resultado dessa minuciosa observação de seu procedimento em relação um ao outro — de que já falei.

Sabem alguns que durante parte do tempo em que residi no Rosario meu cunhado esteve fóra d'esta capital em viagens de seu particular interesse.

O que porém ninguém sabe talvez, é não sermos eu, meu cunhado, sua mulher e o miseravel autor da infamia que vou relatar é — que durante o tempo que meu cunhado passou em Poconé, recebi eu na villa do Rosario duas torpes cartas anonymas, na primeira das quaes se me avisava de que para ficar mais em liberdade em companhia de sua irmã, meu cunhado havia mandado sua mulher para o sitio de seu sogro, o que, seja desde já declarado, era uma insidiosa mentira, e na segunda se me aconselhava que viesse buscar minha mulher.

Vim, é certo, não para arrancar minha mulher da companhia de seu irmão, — sim — para evitar que as cartas anonymas se repetissem.

O valor porém que ellas merecerão-me demonstrei-o ao vil bandido — com o meu procedimento ulterior.

Continuamos a viver juntos, reinando entre nós, se era possível, mais amizade, harmonia e confiança que d'antes até o dia em que meu cunhado foi inopinadamente arrebatado á sua familia á que ia reunir-se e transportado para o xadrez da policia onde se achava, victima da infernal calumnia contra a qual até hoje luta.

Ha um incidente na nossa vida intima — posteriormente ao fallecimento de minha mulher — que de sobra pinta á que extremos ia a amizade que nos ligava e a confiança que um no outro depositavamos.

Dous ou tres dias depois da morte de minha mulher, quando — acabrunhado pelo golpe horrivel que Deus me desfechára, pensava eu na solidão á que nos íamos ser condemnados — eu e minha filhinha — meu cunhado, á quem havia já fallado na necessidade que tinha de partir para o Rio de Janeiro aonde tenho irmãos, afim de cuidar na educação da mísera orphãinha, — oppz-se formalmente a que buscasse e realisar esse intento, propondo-me e pedindo-me com instancia que não nos separassemos jámais e continuassemos a viver e a morar juntos e unidos como d'antes. — Promettia-me que tanto elle como a mulher, seriam para mim os irmãos extremos que sempre haviam sido e que minha filha teria em sua mulher uma cuidadosa, boa e estremeceida mãe.

Creio que o homem que usa de tal linguagem não é, não pôde ser o traidor depravado sob cujo aspecto quizão os assassinos apresentar meu

cunhado, digo mal, o meu irmão José Maria Velasco.

Todos sabem que o crime, assim como o vicio, imprime nas faces do homem um estygma que o denuncia. Pois bem; todos aquelles que tem visitado meu cunhado e visto a coragem, a resignação quasi evangelica e a calma confiante que sempre demoustrou dès que soube porque havia sido preso, digão se aquelle rosto calmo, e aquelle olhar limpo e sereno onde sómente ás vezes transparece a tristeza e a justa indignação que lhe enchem a alma, — por ver sua honra, a de sua irmã e de sua familia arrastadas pela lama, — são o rosto e o olhar de um criminoso!...

Sei já por experiencia propria que n'esta sociedade corrupta não é raro encontrar-se — homens de bem completamente diffamados e vilipendiados, mulheres virtuosas e immaculadas — com a reputação coberta de lama — a par de miseraveis cheios de consideração e louvores e messalinas cercadas de respeito e carinho.

Cousas do mundo.

Sei porém também por experiencia propria que, apezar de tudo, mais vale estar ao lado do homem de bem despresado e da mulher virtuosa calumniada, do que ao lado do sevandija encomiado, e da prostituta festejada.

Tambem são cousas do mundo.

Concluindo.

Declaro que apezar de todas as calumnias que pesarão sobre meu cunhado fui, sou e serei sempre para elle amigo dedicado até o sacrificio, um verdadeiro irmão, assim como sei que elle o é, foi e sê-lo ha sempre para comigo: quem nunca mostrou-se indigno da confiança que n'elle depositei sempre, assim como jámais me mostrarei indigno da que sei depositar elle em mim.

Declaro mais que se depois de tudo o que acima dito, ainda houver quem conserve a minima suspeita sobre a honestidade e pureza de minha mulher e honra e nobreza de caracter de meu cunhado — quem quer que elle seja — despreso-o, causa-me asco.

Sei que sou um homem de bem eahi estão os meus precedentes e tenho consciencia de que posso andar com a fronte alta e o rosto descoberto porque n'elle não ha macula alguma á esconder.

Se ha quem assim não pense, venha dizer-m'o.

Cuyabá, 1^o de Setembro de 1878.

O Tenente, *Alfredo de Sousa Tarora.*

SR. REDACTOR,

Lutario, 18 de Outubro de 1878.

Tenho por fim fazer chegar ao conhecimento da autoridade o estado deploravel de vadiagem em que vivem diversos cidadãos.

Desde que anoitece até que o sol se mostra, só se ouve o cantarolar do homem do sacco. Sessenta e um! trinta e dous! quarenta e quatro! Vispora!, &, &. Eis ahi a boa vida deste povo. E no entretanto não enxergão que o cobre vae-se nos baratos e que por fim todos perdem. Se ao menos jogassem um dia por semana, va'; mas a semana inteira, é promover-se o atraso, é acorçoar-se o vicio.

Ao Sr. delegado, que tão bom tem sido, eu peço providencia.

E' um pae que não sabe o que hade fazer com o filho que ja' esta' gallo, que se dirige a S. S. Salve-o, salve a esses incautos que trabalharão para encher meia duzia de traficantes.

Se S.S. der providencias, tera' a benção de muitos, e, mais tarde, a gratidão dos proprios sujeitos que hoje estão cegos.

J. A. S.

EDITAL

CAPITANIA DO PORTO

FAZ-SE saber a todos os proprietarios, patrões e fretadores de embarcações que navegação nos rios do interior e exterior da provincia que não havendo outro registro do Porto se não a Capitania, não gozão as mesmas embarcações da dispensa de que trata o § 3^o do art. 2^o do Regulamento para execução da Lei n. 2,348 de 25 de Agosto de 1873 a que se refere o Decreto n. 5,585 de 11 de Abril de 1874. Devendo portanto serem fielmente executados os arts. 18 e 19 do Regulamento das Capitancias dos Portos, ficando sujeitos os supracitados interessados ás multas comminadas no mesmo Regulamento.

Capitania do Porto de Matto Grosso em Corumbá, 17 de Outubro de 1878.

O Capitão do Porto,

Felippe Orlando Short.

Annuncios

O abaixo assignado, tendo sido nomeado, por previsão do Rev. Pregador Imperial, vigário desta freguezia, mestre de capella, offerece ao publico os seus serviços, não só em relação ás festas da Igreja, como igualmente ás missas, funeraes, &, & e declara que se acha sempre prompto para prestar-se aos mesmos, em assumpto de sua profissão.

Corumbá, 18 de Outubro de 1878.

Apollinario Alres Ferreira.

HOTEL A LA MINUTE

RUA DE LAMARE

Recebem-se pensionistas e fornece-se comida para casas particulares á preços moderados.

Typ. da — *Opinião* — de P. Moseller
Rua de Lamare.